



Os desafios da interculturalidade

O SUCESSO DE *AINDA ESTOU AQUI* (2024) E O AUGE DA CARREIRA DE FERNANDA TORRES: Entre a herança artística familiar e o percurso individual

Ana Carolina Machado

Universidade do estado de Santa Catarina (PPGH UDESC)

Desde que *Ainda Estou Aqui* (2024) foi lançado, reuniu milhares de espectadores. Dirigido por Walter Salles, o filme conta com roteiro adaptado por Murilo Hauser e segue quase fielmente a história contada por Marcelo Rubens Paiva em seu livro homônimo publicado em 2015. O longa tem como recorte temporal a década de 1970 e conta a história da família Paiva, que como tantas, foi atravessada pela truculência do regime militar no Brasil, sobretudo após o AI 5. A narrativa tem como foco a luta de Eunice Paiva após o desaparecimento do marido, Rubens Paiva, político e engenheiro civil que foi cassado pela ditadura deixando uma grande lacuna na família, que durante anos não soube se ele estava vivo ou morto.

O filme surgiu em um momento, já que 2024 marcou os 60 anos do golpe. Conforme Joffily (2018), os aniversários redondos do golpe de 1964 se constituem como momentos de debates, avaliações, reflexões e controvérsias em torno do que foi a ditadura no Brasil, uma vez que tais efemérides recolocam o passado ditatorial na cena pública, inclusive através de produtos culturais. O filme pode ser interpretado nessa chave, como um produto artístico que teve como objetivo problematizar e trazer à tona, com base em documentos históricos, temas como, memória, trauma, desaparecimento, luto, anistia, entre outros que explicam os desdobramentos de um regime autoritário que, embora tenha se dado por encerrado, continua a suscitar aquilo que a história do tempo presente entende como um passado que não passa (Rouso, 2016).

Os dois grandes protagonistas de *Ainda Estou Aqui* são os atores Selton Mello, que interpreta Rubens Paiva, e Fernanda Torres, que deu vida a grande



Os desafios da interculturalidade

protagonista da trama, Eunice Paiva. Por conta de sua atuação, “Fernandinha”, como é chamada, tem sido aclamada nacional e internacionalmente, tendo não apenas sido, recentemente, a primeira atriz brasileira a ganhar um *Globo de Ouro* de melhor atriz em filme de drama, mas também a segunda a ser indicada ao Oscar na categoria de melhor atriz. A primeira havia sido sua mãe, Fernanda Montenegro.

A catarse do filme e da interpretação de Fernandinha causaram uma grande comoção nacional em torno de sua figura. Uma série de reportagens, entrevistas e matérias sobre sua trajetória artística foram realizadas, apontando o berço artístico da atriz, que vem de uma família de atores e diretores que ocupam um importante lugar na história da dramaturgia e cinema nacional.

É justamente sobre esse aspecto que essa apresentação trata. Seu objetivo é analisar, por meio dessas fontes públicas e dispostas nos veículos virtuais, os discursos que mencionam essa herança familiar artística da atriz, que seguiu o ofício artístico dos pais, mas sem deixar de refletir sobre seu percurso artístico individual. Ou seja, sobre a historicidade e singularidade de sua própria trajetória nas artes. O trabalho busca evidenciar a importância dessa família no campo artístico brasileiro, especialmente na atual conjuntura em que ela está em evidência, e parte do pressuposto de que as trajetórias de Fernanda Torres e Fernanda Montenegro se entrecruzam não apenas pelos trabalhos que fizeram juntas, mas porque há um legado transferido de mãe para filha. Esse aspecto fica evidente nas narrativas públicas de ambas.

Isso aponta que as formas como ambas se constroem autobiográfica e publicamente carregam elementos familiares muito fortes, e que essa dimensão familiar e de herança familiar constitui a identidade narrativa de ambas, especialmente de Fernandinha. Nesse sentido, ter se tornado atriz teve grande influência do ambiente familiar, ainda que o fato de pertencer a uma família de atores não determinasse sua vida e suas escolhas profissionais.

A proposta dialoga não apenas com as perspectivas da história do tempo presente, por tratar de um presente não encerrado e cujas pessoas estão vivas, (Rouso, 2016), mas também com alguns autores referenciais no campo dos



Os desafios da interculturalidade

estudos (auto) biográficos, tais como Bordieu (2006), Arfuch (2010) e Eakin (2019).

Palavras chave: Ainda Estou Aqui, Fernanda Torres, Família Torres.

Referências Bibliográficas

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*.

Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M.(Org.).

Usos & abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.183-191.

EAKIN, P. J. *Vivendo autobiograficamente: a construção de nossa identidade narrativa*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

JOFFILY, M. Aniversários do golpe de 1964: debates historiográficos, implicações políticas. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 204–251, 2018.

ROUSSO, H. *A última catástrofe*. A História, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.